

PROVOCAÇÕES NO USO DA SOCIOLOGIA CONFIGURACIONAL NO ESTUDO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO ESPORTE: TRILHANDO EM CRÍTICAS, INTERLOCUÇÕES E POSSIBILIDADES

Carla da Silva Ferreira¹
Flávio Py Mariante Neto²
Daniel Giordani Vasques³
Mauro Myskiw⁴

Resumo: A sociologia configuracional eliasiana tem recebido críticas advindas de sociologias feministas a respeito de seus estudos das relações de gênero, o que ocorre também em relação aos estudos no esporte. Assim, o objetivo foi trilhar pelos principais pontos de críticas, interlocuções e de intercâmbios identificados, para, então, apontar as contribuições e provocações de usos. Foram localizados e selecionados interlocutores/as chave na construção de uma trilha analítica que sustenta o ensaio. Concluímos que o processo relacional descrito resultou em provocações que foram importantes para pensar e apontar os usos contemporâneos da sociologia configuracional em estudos de relações de gênero no esporte. Ao final sublinhamos 4 questões e provocações, mas, sinalizando que o processo de descrição da trilha é, ele mesmo, o resultado mais expressivo deste ensaio.

Palavras-chave: Crítica; Sociologia Configuracional; Relações de gênero; Esporte.

Provocations in the Use of Configurational Sociology in The Study Of Gender Relations In Sport: Tracking Critiques, Interlocutions And Possibilities

Abstract: Eliasian configurational sociology has received criticism from feminist sociologies regarding its studies of gender relations, which also occurs in relation to studies in sport. Thus, the objective was to follow the main points of criticism, dialogue and exchanges identified, to then point out the contributions and

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS E-mail: carla.sil.ferreira@hotmail.com

² Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrado em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Doutorado em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Professor Adjunto da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) Email: flaviomariante@hotmail.com

³ Licenciado e Mestre em Educação Física (UFSC), Doutor em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: dgvasques@hotmail.com

⁴ Graduado em Educação Física pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Mestre em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH/UFRGS). Email: mmyskiw@hotmail.com

provocations of uses. Key interlocutors were located and selected in the construction of an analytical trail that supports the essay. We conclude that the relational process described resulted in provocations that were important for thinking and pointing out the contemporary uses of configurational sociology in studies of gender relations in sport. At the end, we highlight 4 questions and provocations, but, signaling that the process of describing the trail is, in itself, the most expressive result of this essay.

Keywords: Criticism; Configurational Sociology; Gender relations; Sport.

Provocaciones en el uso de la sociología configuracional en el estudio de las relaciones de género en el deporte: seguimiento de críticas, interlocuciones y posibilidades

Resumen: La sociología configuracional eliasiana ha recibido críticas de las sociologías feministas respecto a sus estudios de las relaciones de género, lo que también ocurre en relación con los estudios en el deporte. Así, el objetivo fue seguir los principales puntos de crítica, diálogo e intercambios identificados, para luego señalar las contribuciones y provocaciones de usos. Se localizaron y seleccionaron interlocutores clave en la construcción de un recorrido analítico que sustenta el ensayo. Concluimos que el proceso relacional descrito resultó en provocaciones importantes para pensar y señalar los usos contemporáneos de la sociología configuracional en los estudios de las relaciones de género en el deporte. Al final, destacamos 4 preguntas y provocaciones, pero señalando que el proceso de descripción del sendero es, en sí mismo, el resultado más expresivo de este ensayo.

Palabras clave: Crítica; Sociología Configuracional; Relaciones de género; Deporte.

Introdução

Este ensaio tem como propósito abordar e analisar algumas críticas e provocações de uso da sociologia configuracional para o estudo das relações de gênero no esporte, tendo como referência a perspectiva teórico-metodológica desenvolvida por Norbert Elias. Esse autor tem como importante contribuição acadêmica o estudo de processos de transformações dos comportamentos em longos períodos e como elas podem assumir determinadas direções. Ao analisar esses processos - seu principal trabalho nesse sentido foi a obra intitulada “O processo civilizador”, volumes 1 e 2 (ELIAS, 1993, 1994) –, lhe foi possível formular um modo de estudar sociologicamente as configurações sociais. Em outros trabalhos, entre eles “Mozart” (ELIAS, 1995), “Os alemães” (ELIAS, 1997), “A sociedade de corte” (ELIAS, 2001), “Os estabelecidos e os *outsiders*” (ELIAS; SCOTSON, 2000) e “A busca da excitação” (ELIAS; DUNNING, 1992), o autor opera com esses conceitos. Nas obras “Envolvimento e alienação” (ELIAS, 1998)

e “Introdução à sociologia” (ELIAS, 2005), o autor desenvolve mais explicações sobre a noção de configuração social e seu uso sociológico.

Em estudos de configurações esportivas no Brasil, essa perspectiva sociológica tem estado presente, pelo menos, desde meados da década de 1990, sobretudo a partir de interlocuções de pesquisadores/as brasileiros com o trabalho de Eric Dunning. Quatro trabalhos ajudam a entender esse percurso e uso. Medeiros e Godoy (2009) investigaram o uso/apropriação da obra de Norbert Elias em artigos publicados da Revista Brasileira de Ciências do Esporte, encontrando 14 trabalhos. Góis Júnior, Lovisolo e Nista-Pícolo (2013) analisaram a utilização metodológica do autor em 18 trabalhos apresentados no Congresso Nacional de História do Esporte, Educação Física, Lazer e Dança, ocorrido em 2009. Orlando *et al.* (2019) investigaram os usos de conceitos da obra de Norbert Elias na área sociocultural da Educação Física brasileira em 16 artigos publicados em diversos periódicos. E, mais recentemente, Oliveira *et al.* (2021) analisaram o processo de recepção e de apropriação do trabalho de Norbert Elias, identificando 452 textos que faziam alusão ao autor alemão, com diferentes tipos de usos.

Os resultados e análises desses estudos de revisão são semelhantes e nos mostram que há, no campo de estudos brasileiros de esporte e Educação Física, o reconhecimento da importância dessa abordagem sociológica configuracional. Todos eles indicam, no entanto, que há um uso ainda incipiente da obra, em termos teórico-metodológicos, sobretudo a respeito de descompassos na operacionalização dos conceitos sociológicos no desenvolvimento das pesquisas e das análises. Além disso, importa destacar que dois desses trabalhos se dedicaram a olhar para as temáticas investigadas. Entre elas, gênero aparece mas de maneira periférica. Medeiros e Godoy (2009) identificaram um estudo e Oliveira *et al.* (2021) mencionam como um dos eixos de preocupações (menor em relação a outros), porém sem informações de frequência relativa.

Estas informações - que dizem sobre a importância da obra e da perspectiva sociológica no Brasil, mas ainda poucos estudos sobre relações de gênero - nos colocaram a provocação de propor, no formato deste ensaio, um aprofundamento. E, ao olharmos para o cenário internacional de discussões sobre os usos da obra do autor alemão em estudos de gênero no esporte, nos deparamos com um cenário de críticas, de interlocuções e de intercâmbios com

as sociologias feministas, que apontam para a necessidade de compreender sobre as possibilidades e limites de uso da sociologia configuracional na construção de investigações. O objetivo deste ensaio foi exatamente retomar a trajetória desse cenário, trilhando pelos principais pontos de críticas, interlocuções e de intercâmbios identificados.

Para concretizarmos esse trabalho, tendo em vista a sua amplitude, na forma de um ensaio localizamos e escolhemos alguns/mas interlocutores/as considerados/as chave. Iniciamos nossas descrições das trilhas trazendo textos das obras de Norbert Elias e de Eric Dunning. Na sequência tratamos das primeiras interlocuções (críticas, reconhecimentos e contra-críticas) entre autores das sociologias feministas (Jennifer Hargreaves) e configuracional (Eric Dunning e Joseph Maguire), com desdobramentos em um primeiro esforço de sintetização/conciliação (Joseph Maguire e Louise Mansfield). Passamos, então, a abordar os debates, também críticos, gerados pela tentativa de aproximação entre as sociologias, a partir dos trabalhos de Sharon Colwell e de Louise Mansfield, até chegarmos nas contribuições desse percurso de debates (entre as duas últimas décadas do século XIX e as duas primeiras do século XX) no campo da sociologia configuracional e do esporte, tomando como referências os trabalhos de Katie Liston e Florence Delmotte.

Equilíbrio das relações entre sexos

As análises de Elias (1994) na obra “O processo civilizador”, volume 1, se dedicam ao que o autor denomina de relações de equilíbrio entre os sexos, na emergência ocidental da noção de *civilité*, como processos de transformações culturais e comportamentais ao longo de muitos séculos, o que ocorre numa determinada direção e se relaciona com a própria constituição da classe burguesa-industrial, dos Estados-Nação e do parlamentarismo como modo de governo, associadas ao declínio do mundo medieval e das sociedades de corte e dos governos absolutistas. É no contexto dessa obra que o autor descreve o aumento da coerção e autocontrole exercido a respeito da exteriorização das emoções e dos impulsos, que vão sendo progressivamente eliminados da vida pública.

Entre os comportamentos e investimentos de impulsos que, no processo civilizatório ocidental, foram localizados como questão íntima estavam as relações sexuais⁵. Especificamente no capítulo “Mudanças de atitude nas relações entre os sexos”, Elias (1994) descreve uma acentuação do sentimento de vergonha que cerca as relações sexuais, principalmente por parte de adultos em falar com as crianças, destacando que essa dificuldade era uma ‘segunda natureza’ (um *habitus*). Para tratar empiricamente dessas mudanças, o autor descreve os Colóquios de Erasmo de Rotterdam, espécie de manual destinado à educação de meninos publicado em 1522 e adotado por muitas escolas, traduzido para outros idiomas e considerado um sucesso provavelmente por registrar um equilíbrio de tensões e de poder significativo em relação aos comportamentos e à educação do corpo.

Além de destacar os conteúdos dessa obra, o autor descreve as implicações dela na configuração social e nas relações de interdependência com as resistências da Igreja Católica, que durante séculos ensinou e trabalhou para ocultar as relações sexuais e a sexualidade das crianças e dos jovens. Nas necessidades dos modos de vida das crianças e jovens na época (séculos XV a XVIII), as proibições sociais, os embaraços e o autocontrole a respeito das relações entre os sexos não estavam incorporados. Aos poucos, a vergonha se torna predominante (séculos XIX e XX), fazendo com que comportamentos relativos à vida sexual fossem escondidos ao máximo. Segundo as análises de Elias, na sociedade de corte a vida sexual era mais escondida que na medieval; na configuração urbano-industrial ainda mais.

Essa análise sobre a vergonha, o autocontrole, a intimidade e a vigilância acerca das relações sexuais foi o ensejo para o autor tratar das diferenças entre os sexos, em termos de equilíbrio de poder e interdependência. Para tanto, descreve elementos da obra de Von Raumer, publicada em 1857, sobre a educação das meninas, com conteúdo prescritivo para adultos tratarem com as crianças sobre a vida sexual. São descritas questões que não devem ser comentadas, especificamente com as meninas, para preservar certa pureza. Neste exemplo,

⁵ Optamos por descrever o equilíbrio nas relações entre os sexos a partir de dois textos de Elias (1994, 2020), mas identificamos em Delmotte (2022) um aprofundamento da discussão.

aparecem as diferenças nas relações entre os sexos. Mas, além deste, Elias manuseia empiria sobre o casamento monogâmico como forma rigorosa de controle e como instituição obrigatória para ambos os sexos, tratando de como, ao longo dos séculos, as relações extraconjugais foram sendo reprimidas, principalmente para as mulheres, demonstrando um processo de construção, ao longo do tempo, da assimetria nas relações de poder entre os sexos no que se refere ao corpo e à sexualidade.

A respeito dessa assimetria, Elias (1994) trata do casamento nas sociedades de corte (séculos XVII e XVIII) e do domínio do marido sobre a esposa, mas que as mudanças nas configurações nessas sociedades absolutistas também implicaram em menor desequilíbrio na direção do aumento do poder social relativo da esposa. Entre as manifestações de maior poder relativo estava o fato de elas serem menos repreendidas pelas relações extraconjugais. Isso levava a um autocontrole por parte do marido que deveria manter a monogamia, esperando o mesmo da esposa, numa relação de interdependência e de, comparativamente a um estágio anterior, maior equilíbrio de poder entre os sexos. Em configurações sociais pacificadas, a força física perdeu valor e outros atributos foram valorizados, como mansidão, retiro, modéstia, estes associados às mulheres. Contudo, na linha de que o processo civilizador não é linear, mas complexo⁶, Elias descreve que, com a emergência das configurações sociais burguesas (século XVIII em diante) e o aumento da diferenciação funcional e do entrelaçamento das relações pelo comércio e dinheiro, o poder social do marido volta a crescer perante o da esposa.

Cabe destacar, aqui, que Elias não reduz homens e mulheres a dimensões biológicas (pulsões sexuais). Ao contrário, com base nas descrições de configurações sociais sobre o (auto)controle, está trazendo uma análise das transformações dos desequilíbrios de gênero no percurso do processo civilizador. Além de tratar dessa questão em “O processo civilizador”, Elias (2020⁷) dedicou-se especificamente a ela noutro trabalho, tendo como referência empírica o Antigo Estado Romano, no qual parte de uma noção de “desigualdade

⁶ Um aprofundamento dessa reflexão está em Elias (1997), no qual propõe uma quarta camada de construção da personalidade, chamada ‘camada nós’, na relação com id, ego e superego.

⁷ A versão original foi publicada em alemão em 1986.

harmoniosa” (p. 33) para tratar do desequilíbrio de poder incorporado como segunda natureza.

O texto busca mostrar que, na Europa, até ao menos o século XIX, as mulheres não tinham direitos à propriedade, e que relações sexuais de mulheres solteiras eram estigmatizadas, havendo maior tolerância ao adultério masculino. Mas que, noutros momentos da história, entre eles no período da República Romana, as mulheres casadas eram consideradas e se consideravam inferiores como grupo social, uma vez que a força física naquela sociedade guerreira era um elemento bastante valorizado, como também o era o uso de armas de ferro relativamente pesadas, o que as colocavam em desvantagem, dignas de serem cuidadas e com menor autonomia na ausência dos homens.

Nessa configuração, conclui o autor, eram pessoas incompletas, ocupando um lugar *outsider* em relação ao Estado. Não podiam ter propriedades, se divorciar por iniciativa própria, beber vinho. Contudo, surpreendentemente, salienta Elias (2020), havia em Roma um processo de mudanças de costumes nos séculos II e I a.C que pôs em ação mudanças de equilíbrio de poder em favor delas, em paralelo com a diminuição do valor da força física naquela configuração. Entre estas, a possibilidade de terem posses, a existência de leis que previam heranças para mulheres, a possibilidade de dizerem que queriam se divorciar, de participar de negócios com os homens e a maior autonomia do Estado em relação às famílias e os clãs.

Esse aumento do equilíbrio de poder na relação entre os sexos fortalecido no final da República Romana se sustentou até o final dos tempos imperiais, e nas leis romanas e da Igreja até o fim da Idade Média. Os costumes dos invasores germânicos atribuíam às mulheres uma posição comparativamente inferior, mas isso não significou um retorno completo às condições anteriores, pois a herança romana não foi totalmente perdida, sendo levada adiante inclusive pela Igreja romanizada. Em todo caso, aprendemos com essas análises que as flutuações nas relações de poder entre os sexos não são uma novidade e que não têm uma direção linear, mas que as configurações mais íntimas (familiares e conjugais) são bastante impactadas pelo equilíbrio das forças em configurações mais amplas.

Esta tese, em certa medida, é explorada por Eric Dunning (1992b⁸) na sua análise da configuração esportiva como área masculina reservada. Neste trabalho, o autor conclui que o esporte parece ter uma importância secundária, no sentido de ser uma configuração que reforça a produção e reprodução da identidade masculina e, assim, da reprodução da assimetria nas relações de poder entre os sexos. Após suas análises, assume que os elementos que afetam essas relações, as quais tendiam para um fortalecimento dos homens em relação às mulheres, estariam relacionadas com uma configuração social mais alargada, mas que as configurações esportivas, especialmente o futebol, seriam importantes lugares de reforço.

Para chegar a essa conclusão, Dunning (1992b) trabalha com o entendimento presente nos argumentos de Elias (1994, 2020), de que em configurações nas quais os confrontos corporais são frequentes e que se exige força física, haveria um desequilíbrio em favor dos homens, mas que as mudanças comportamentais em direção ao apaziguamento, à maior valorização do parlamentarismo e ao desenvolvimento de tecnologias impactavam nessa relação, talvez com menos desequilíbrio. Dunning reconhece, assim, a importância de abordar sociologicamente as relações entre os sexos, o que, até aquele momento do seu trabalho não ocorria em relação às configurações esportivas consideradas reservas masculinas. Não por acaso, mencionando o fato que a própria Sociologia emerge como área masculina.

Em que pese essa problematização da Sociologia no momento das suas análises na Grã-Bretanha, o autor desenvolve seu trabalho sobre o esporte descrevendo mais situações relacionadas aos homens do que às mulheres, partindo da compreensão de que se tratava de uma reserva masculina. Desenvolve três argumentos que reforçam o entendimento de que os jogos tradicionais e o esporte mimetizam, ritualizam o regime patriarcal, de que reproduzia e reforçava a valorização da agressividade e da agressão (física) competitiva (em algumas situações, à revelia das regras, o que não era um desvalor) e de que repulsava comportamentos e valores considerados femininos ou homossexuais, entre eles a fragilidade, a timidez, a dependência.

⁸ Publicado pela primeira vez em 1986.

Mas o autor não deixa de apontar suas hipóteses sobre a configuração esportiva, no sentido de ocorrer aumento de oportunidades de participação das mulheres, como uma forma de movimento de equilíbrio de poder que se deslocava em direção a elas. Embora destaque a presença da cultura machista no lazer esportivo britânico, associada a comportamentos como violência física, embriaguez, obscenidades e segregação das mulheres, Dunning (1992b), traz descrições sobre como os Clubes de Rúgbi estavam sentindo os tensionamentos das mulheres, numa configuração social burguesa-industrial.

Interloquções e intercâmbios iniciais

Sete anos após a morte de Elias, Eric Dunning e Joseph Maguire (1997) publicam um texto intitulado “As relações entre os sexos no esporte”⁹, uma reflexão baseada em outros estudos do grupo sobre a temática. O objetivo foi ampliar o campo de estudos e proceder uma análise da masculinidade e da feminilidade no esporte, tendo em vista uma abordagem relacional, centrada no estudo dos processos sociais no tempo, na busca de emergências, de continuidades, de ruptura e de progressão. Mencionam como primeiro trabalho sobre as relações entre os sexos no esporte um artigo publicado em 1973¹⁰, que se concentrava no estudo de homens. Ao indicar esse trabalho, tratam de reclamar que “[...] as especialistas feministas não souberam reconhecer plenamente sua importância enquanto não perceberam que as relações entre os sexos constituíam o verdadeiro assunto desse estudo” (p. 321). Anunciam, a partir disso, que este texto tem como propósito ampliar o campo de visão, acrescentando, ao lado masculino, uma perspectiva feminina, de aspectos ligados à prática esportiva por mulheres.

O esporte, como prática de “pertencimento sexual” (DUNNING; MAGUIRE, 1997, p. 2), de identidade, da consciência coletiva, era ainda um tema marginalizado no campo da Sociologia. Nesse contexto, no que diz respeito aos estudos existentes sobre esporte e identidade, os autores apontam a existência de uma ênfase na divisão entre os sexos e na identidade masculina, demandando

⁹ Esta versão em português foi publicada um ano antes em inglês (DUNNING; MAGUIRE, 1996).

¹⁰ Trata-se do artigo de Kenneth Sheard e Eric Dunning, intitulado “The Rugby as a Type of Male Preserve” (DUNNING; MAGUIRE, 1997, p. 1).

estudos sobre as relações e o equilíbrio de poder entre os sexos. A proposta era dar um passo a mais, trazendo e examinando a argumentação de estudos feministas elaborados na América do Norte nas décadas de 1970 e 1980. Mobilizam, para tanto, três autores homens aplicando, segundo argumentam, a perspectiva crítica feminista em pesquisas sobre a identidade masculina em trajetórias processuais, de maior participação das mulheres na sociedade.

Com essa argumentação, considerando as noções de aumento das cadeias de interdependência e de democratização funcional, os autores chegam ao ponto de que procuram afirmar a existência de um deslizamento no equilíbrio de poderes entre os sexos na configuração do esporte. Iniciam com descrições sobre como os esportes, enquanto configurações de educação-lazer nascem e se desenvolvem masculinos, expressando ideias sexistas. Mas, na sequência desenvolvem hipóteses explicativas acerca de processos de deslizamento das relações de poder entre os sexos no esporte em direção à maior participação de mulheres. Concluem que talvez não seja uma transformação no sentido do pensamento feminista, mas se trata de uma mudança observável no esporte, com uma tendência equalizadora.

Esse documento de trabalho de Dunning e Maguire (1997) indica que, desde a década de 1970, há um movimento de pesquisa da sociologia configuracional que procura analisar (des)equilíbrios nas relações de poder entre os sexos em configurações esportivas, já com um debate em relação ao pensamento feminista crítico, que apontava limites na abordagem configuracional. Entretanto, esse cenário de críticas não se encerrou ou se acalmou diante dos argumentos acima, sobretudo daquelas desenvolvidas a partir de teorias e de autoras feministas. Destacamos, aqui, pela sua recorrência na literatura, as críticas apresentadas e sustentadas por Jennifer Hargreaves (1992; 2014¹¹). Para esta autora, na obra “O processo civilizador”, Elias trata quase que exclusivamente de experiências masculinas, mantendo-se muito discreto em relação aos problemas das relações de gênero. Ela acentua que a própria perspectiva sociológica configuracional é marcada pelo masculino.

¹¹ O texto de 1992 consta numa coletânea organizada por Eric Dunning e Chris Rojek que tem o propósito de apresentar críticas e contra-críticas às análises do esporte e do lazer a partir da sociologia configuracional. O texto de 2014 é uma versão mais curta e em português do anterior.

Ao analisar produções de esporte e lazer, Hargreaves (1992, 2014) procura mostrar que as análises envolvem o que ela chamou de sujeitos sem gênero, considerando sua posição epistemológica de distanciamento (ideal de objetividade e neutralidade), preocupada em libertar-se de ideologias sociais e políticas. Sendo assim, não se problematiza a própria história-consciência masculina de quem pesquisa e, assim, foi desenvolvido um movimento de análise configuracional das mulheres marcadamente a partir de situações e de experiências masculinas, diminuindo ou silenciando as desigualdades e as injustiças sociais.

Nos trabalhos de Elias sobre as mudanças de equilíbrio de poder entre os sexos, reconhece Hargreaves (2014), há elementos que mostram os conflitos, as disputas nas relações de poder, nas cadeias de interdependência, nas configurações investigadas, tendo em vista as direções do processo civilizatório. No entanto, a autora reclama que o conceito de gênero operado é descritivo e que ao desenvolver dessa forma, a produção de conhecimentos cristaliza as desigualdades e as injustiças, ao mostrar, por exemplo, que os homens são vigorosos e poderosos atores da história, enquanto as mulheres são os recipientes passivos da dominação masculina, de certa forma, apoiando uma hipótese a-histórica do patriarcado. Além disso, os trabalhos de Elias e Dunning por ela estudados para produzir a crítica se referem às relações de gênero de maneira genérica e generalizante em relação às mulheres (e aos homens), não representativo da diversidade de ser e de viver mulher (negras, deficientes, lésbicas, idosas, operárias, etc.), inclusive no caso dos esportes.

Nas palavras de Hargreaves (2014, p. 453), o “[...] conceito de civilização incarna uma visão cavalheiresca da masculinidade [...]”. Para uma proposta que se coloca numa posição distanciada, isso parece ser uma problemática importante. Essa tese é posta pelos movimentos feministas, que mostram que as mulheres são cotidianamente e recorrentemente violentadas e colocadas em situações de desigualdade, inferioridade e invisibilidade. O processo civilizatório não é onipresente quando se trata das relações de gênero, assim, os desequilíbrios de poder deveriam ser analisados e interpretados a partir do que significam para a vida das mulheres.

O próprio Dunning (1992a) tratou de responder as críticas de Hargreaves, afirmando que a autora se baseou numa leitura errada da teoria configuracional, mas que a crítica deve ser levada a sério. Para ele, o que está em questão é a diferença entre a visão de sociologia, diferenciando a configuracional (como disciplina preocupada principalmente em aumentar o conhecimento sobre o social, na esperança de que ele tenha valor prático, se não a curto, a longo prazo) da feminista (cuja principal tarefa seria a crítica contemporânea com vista a mudar as coisas aqui e agora, inclusive mobilizando um poder de persuasão e de paixão). Dito isso, o autor afirma que as críticas não lhe fizeram duvidar do valor da abordagem configuracional, mesmo aceitando que, no passado, esteve demasiadamente silenciada sobre as questões de gênero.

Sem a pretensão de dizer que os argumentos críticos de Hargreaves (1992) estão errados ou que não servem, Dunning (1992a) interpõe um conjunto de questionamentos provocativos em tom de resposta: pergunta sobre a necessidade de caricaturizar e dicotomizar ciência e crítica *a priori*, sem esperar as pessoas fazerem o uso da produção do conhecimento, para verificarem e avaliarem no contexto da crítica; questiona se a substituição de uma problemática (do olhar para os/pelos homens) para outra (olhar para/pelas mulheres), sobretudo a partir de afirmações genéricas e trechos específicos, traria avanços, se não se insistir na perspectiva relacional; interroga se partir de uma ideologia existente e não de processos históricos de longo prazo emergentes de empiria robusta não traria problemas políticos.

Na sequência das críticas e respostas, foi publicado o trabalho de Joseph Maguire e Louise Mansfield (1998), que tem como um dos propósitos centrais desenvolver uma aproximação de aspectos do pensamento feminista e da sociologia configuracional, numa lógica que podemos denominar de conciliatória. Neste estudo, o autor e a autora investigaram a interpretação e atribuição de significados por mulheres e grupos nas suas experiências em exercícios físicos, numa configuração denominada por eles de complexo exercício-corpo belo que reproduz e institucionaliza as relações de poder patriarcais.

Ao desenvolverem o processo argumentativo do trabalho, o autor e a autora reconhecem as críticas, especialmente de Hargreaves (1992), sobre uma

espécie de silêncio da sociologia configuracional sobre gênero. Além desta, reconheceram que: essa sociologia está marcada por pressupostos e experiências masculinas que marginalizam as mulheres; e que a própria teoria do processo civilizatório reforça a subordinação feminina ao apontar uma tendência de igualdade nas relações. Em que pese esse reconhecimento, Maguire e Mansfield (1998) se propõem a adotar uma perspectiva sociológica que, para atender as críticas e incorporá-las, forneça uma base de conhecimentos que facilite a ação política e que atenda interesses das mulheres como coletivos, com base numa investigação teoricamente engajada. Sustentam que sua posição é feminista também ao entenderem que as mulheres têm papel ativo a desempenhar na interpretação das cadeias de relações de gênero/poder características da configuração pesquisada.

Contudo, ao longo do trabalho o que se nota é um peso mais robusto nas análises que se valem da sociologia configuracional em relação aos pressupostos feministas enunciados, o que os possibilita concluir que a configuração exercício-corpo belo tem os homens e o patriarcado numa posição de estabelecidos e as mulheres de *outsiders*. As dinâmicas de poder nas aulas de ginástica estão interligadas aos ideais hegemônicos sobre os corpos das mulheres e são sustentadas pelas interdependências de uma configuração social marcadamente coordenadas pelas relações de poder patriarcais. Segundo eles, é difícil afirmar se as mulheres experimentam uma emancipação através do exercício, contudo, ao invés de pensar nas práticas como totalmente restritivas ou totalmente libertadoras, sugerem que existe uma relação de interdependência entre essas características nas experiências da ginástica, sendo possível concluir que o engajamento nas práticas representa um certo grau de resistência às definições tradicionais de feminilidade a partir dos homens.

Debates sobre os primeiros intercâmbios

Os primeiros movimentos de intercâmbio na prática de pesquisa tiveram seus efeitos. A autora Sharon Colwell (1999) se debruçou no estudo de relações entre a sociologia figuracional e vários feminismos que estiveram interessados na investigação sobre sexo/gênero, esporte e Educação Física. Ela parte do

entendimento de que os estudos e embates de Hargreaves e Dunning fornecem as pistas principais das posições do debate, como também reconhece o esforço de conciliação desenvolvido por Maguire e Mansfield (1998). Segundo a autora, com exceção deste trabalho, no momento da escrita havia uma escassez de pesquisas que procuravam articular as abordagens, e uma ausência de autoras feministas empregando a sociologia configuracional. Diante disso, ela se propõe a explorar essa relação, apostando que ambas as abordagens trazem contribuições para a compreensão das relações de gênero/sexo no esporte e na Educação Física. Explica que emprega o termo sexo/gênero em um esforço para evitar a dicotomização das diferenças entre sexo e gênero, que são melhor entendidas como conceitos relacionais [...]” (COLWELL, 1999, p. 220), o que indica a sua posição no debate.

O primeiro argumento de Colwell (1999) é que o debate capturado até aquele momento sugeria uma mútua exclusividade entre as abordagens feministas e configuracionais no estudo das relações de gênero/sexo no esporte/Educação Física. No quadro 1 apresentamos as posições que apreendemos desse argumento, percebendo ao longo da leitura que a autora está mais vinculada ao coletivo da sociologia configuracional.

Quadro 1 – Mútua exclusividade das abordagens/posições feministas e configuracional no estudo das relações de gênero/sexo no esporte/Educação Física.

SOCIOLOGIA ESPORTIVA FEMINISTA	SOCIOLOGIA ESPORTIVA CONFIGURACIONAL
Os feminismos esportivos propõem uma crítica engajada e avaliações interessadas em romper relações de dominação, localizando trabalhos não críticos como despolitizados, que contribuem para cristalizar o <i>status quo</i> . Estão empenhados em estudar desigualdades, assimetrias que se colocam como consenso a ponto de naturalizar explorações, violências e invisibilidades. É preciso mais do que investigar e mostrar, pois sem uma crítica atrelada àquilo que é evidenciado, corre-se o risco de reforçar as explorações, violências e invisibilidades.	Os/as sociólogos/as configuracionais sustentam que para compreender os fenômenos não é preciso avaliá-los a partir de uma posição ideológica, deixando essa tarefa para quem se propõe a usar o conhecimento produzido. Adotam explicações não deterministas, sugerindo a investigação das relações de poder na busca de equilíbrios de tensão nas configurações, em processos de longo tempo, o que passa pelas relações entre os sexos/gêneros, por tendências que não são lineares, deliberadas e fechadas, inculcadas como segunda natureza nas experiências esportivas.

Fonte: elaborado pelos/as autores/as a partir do trabalho de Colwell (1999)

Assumindo a dificuldade de sintetizar uma abordagem feminista-figuracional, como forma de estudo, Colwell (1999) passa a destacar alguns

limites, críticas e desafios identificados nos estudos feministas e configuracionais sobre as relações de sexo/gênero no esporte e na Educação Física. Identificamos apontamentos muito semelhantes no trabalho de Pinheiro (2014) que, após retomar vários dos argumentos já presentes no texto de Dunning e Maguire (1997), aponta o que ela denominou de principais tensões entre as abordagens configuracionais e feministas, várias delas buscadas em Colwell (1999). Assim, considerando as proximidades entre as análises de Colwell (1999) e de Pinheiro (2014), elaboramos o quadro 2, indicando o que chamamos de desafios diante das críticas sobre os limites das abordagens, separadamente, mas notando que tendem a reforçar (em algumas situações a sobrepor) a posição configuracionista.

Quadro 2 – Desafios identificados acerca das/nas abordagens de estudos feministas e configuracionais do esporte.

SOCIOLOGIAS	DESAFIOS DIANTE DE CRÍTICAS SOBRE LIMITES
Estudos feministas do esporte	<p>Os desafios das generalizações, homogeneizações e dicotomias Há limites ao manusear noções e conceitos genéricos, reproduzir retóricas explicativas existentes, usar dicotomias que criam entidades estáticas, o que acaba distorcendo, obscurecendo e enfraquecendo a compreensão das relações de gênero/sexo no esporte.</p> <p>Os desafios da sustentação empírica nas avaliações ideológicas Há uma demanda prévia de avaliar criticamente as situações esportivas/da Educação Física a partir de lugares e ideologias. Contudo, as avaliações não eximem quem pesquisa e analisa de investir no denso trabalho de produção de empiria, na perspectiva sustentar as avaliações, a complexidade delas e o próprio peso político das ideologias críticas colocadas em ação.</p> <p>Os desafios de estranhamento e de problematização dos juízos de valor Uma série de problemas em relação à presença de julgamentos de valor nas análises de estudos feministas do esporte/Educação Física, situações nas quais as avaliações estão intimamente ligadas às trajetórias e experiências de quem pesquisa, não sendo necessário rejeitá-las, mas problematizá-las reflexivamente. O desafio é colocar as crenças de quem pesquisa no processo de avaliação.</p>
Estudos configuracionais do esporte	<p>Os desafios de se distanciar de ideologias sociais nas situações de análise Uma questão central envolve não alimentar dicotomias ou oposições (entre ‘objetivo’ e ‘subjetivo’; ‘neutralidade’ e ‘engajamento’), mas construir um equilíbrio de tensão a respeito da relação entre quem pesquisa e a empiria produzida na investigação, com o propósito de ser menos afetado pelos assuntos sociais e políticos contemporâneos, desenvolvendo, assim, uma análise mais realista e precisa do processo. Reconhece-se a possibilidade de partir de uma questão que impacta quem pesquisa no seu cotidiano, mas a questão do distanciamento deve ser levada à sério no processo empírico e analítico.</p>

<p>Os desafios de pesquisadores/as em responder a questões do seu tempo Em que pese a sociologia configuracional tenha sido gestada com base em estudos de mudanças de longo prazo, em descrições de situações que, não sem motivos, colocavam os homens em destaque, é importante reconhecer as críticas, refletir sobre elas e olhar para questões sociais/culturais contemporâneas, entre elas a crescente participação ativa das mulheres nos esportes.</p> <p>Os desafios de manter-se fiel à perspectiva relacional e evitar determinismos O esforço constante de olhar para as relações de poder nas questões sobre gênero/sexo no esporte/Educação Física, de pensar em termos de equilíbrios fluídos, em graus de adequação complexos que, embora possam apresentar tendências não implicam determinismos lineares, nem posições estáticas (sempre relacionais). Gênero/sexo são conceitos relacionais de relações de poder.</p>

Fonte: elaborado pelos/as autores/as a partir dos trabalhos de Colwell (1999) e de Pinheiro (2014)

Uma vez desenvolvidas essas avaliações das sociologias para o estudo das relações de gênero/sexo no esporte, Colwell (1999) retoma o trabalho de Maguire e Mansfield (1998), de forma a examiná-lo, agora com base em categorias feministas e configuracionais (quadro 2), como uma espécie de evidência empírica para sustentar o argumento das dificuldades de se sintetizar as abordagens numa mesma pesquisa. Esse exercício é citado e descrito no trabalho de Pinheiro (2014). Ambas as autoras mencionam que Maguire e Mansfield (1998), ao tentarem operar na interface das abordagens, colocam juízos de valor sem problematizações.

A partir desse exame e do que ele nos diz sobre as impossibilidades de síntese, Colwell (1999) – acompanhada por Pinheiro (2014) – se posiciona no sentido de que o alcance de um conhecimento mais congruente com a realidade seja mais provável numa combinação entre o envolvimento feminista, porém levando adiante uma análise distanciada. Há, assim uma espécie de recusa, por parte de pesquisadoras/es configuracionais, em relação à avaliação baseada ou orientada por pressupostos ideológicos e políticos. Pelo lado das sociólogas feministas seria impossível desenvolver a investigação sem qualquer tipo de avaliação posicionada e engajada. Colwell (1999), tendo em vista as distâncias e exclusividades mútuas difíceis de serem conciliadas, assume que parece ser mais possível uma sociologia configuracional feminista informada do que o uso da sociologia configuracional por feministas.

Passada quase uma década da crítica de Colwell (1999), Louise Mansfield (2008) apresenta o que chamou de reconsiderações em relação à afirmação de que haveria uma diferença incontestável que limitaria a síntese entre as abordagens configuracional e feministas no estudo das relações de gênero no esporte, boa parte sustentada pelo exame de seu trabalho com Maguire (MAGUIRE; MANSFIELD, 1998), descrito anteriormente. Além disso, aproveita para reconsiderar elementos da crítica de Hargreaves (1992) acerca do silêncio e de limitações de trabalhos de Elias e Dunning em tratar das questões de gênero, recolocando as possibilidades e potenciais de conciliar princípios das sociologias feminista e configuracional.

Este trabalho de reconsideração de Mansfield (2008) tem como ponto de partida o reconhecimento da diversidade de teorias e posições do feminismo. No entanto, há um elemento comum, um compromisso político em desafiar as injustiças enfrentadas pelas mulheres. Esse compromisso faz olhar para o esporte como uma prática social generificada, mas que é preciso, também, operar abordagens interseccionais (inserindo as relações étnico-raciais, de classes, deficiência, etc.). A autora lista, nesse sentido, um amplo conjunto de trabalhos feministas desde a década de 1980, mas chama a atenção para a existência de outros tantos trabalhos de sociólogos/as configuracionais que há mais de duas décadas contribuía para a compreensão das relações entre gênero e esporte, entre eles o seu estudo de 1998 com Maguire.

Ao revisitá-lo, Mansfield (2008) reforça quais eram os propósitos naquele contexto. E, em resposta a Colwell (1999), concorda com a tendência de reificação dos regimes de exercício sobre as pessoas, com a existência de argumentos que homogeneizavam as mulheres, concorda que o uso da noção de patriarcado fechava o debate, limitando as análises, e concorda que o texto transparece um olhar limitado a respeito dos pressupostos feministas. Por fim, concorda que as diferenças principais que desafiam o encontro entre a sociologia feminista e a configuracional estão relacionadas à orientação de valores, que leva as discussões para as noções de envolvimento-distanciamento¹² como uma busca de equilíbrio

¹² Maior especificidade e aprofundamento desse debate está na obra “Envolvimento e alienação” (ELIAS, 1998). Em nota no início do livro, o tradutor explica sua opção por utilizar “alienação” ao invés de

na realização das pesquisas, mas que o que diferencia as sociologias feministas das configuracionais é o ponto dessa relação de equilíbrio.

Por sua vez, Mansfield (2008) afirma a importância das relações de envolvimento-distanciamento como algo central para as práticas científicas nas ciências sociais e humanas. Aderindo à lógica argumentativa de Elias (1998) acerca da abordagem teórico-metodológica, a autora afirma pensar que um equilíbrio dinâmico dessas relações colabora para desviar de noções dicotômicas, estanques e deterministas (como objetividade e subjetividade; racional e irracional; agência e estrutura; neutralidade e militância; indivíduo e sociedade) que tratam de fechar as possibilidades de análise ao impossibilitarem o enfoque relacional.

É nesse ponto que ela apresenta uma contra-crítica à análise de Colwell (1999), lembrando que esta autora colocava a sociologia feminista com uma orientação de valor, baseadas em ideologias, e, de modo distinto, colocava a sociologia configuracional como aquela que não necessita avaliar para compreender (esse entendimento dicotômico está representado no quadro 1). A perspectiva que Mansfield (2008) defende é relacional, inclusive o ponto de equilíbrio para a avaliação, argumentando que, para as sociologias feministas, essa avaliação considerada apropriada tende a ser mais impregnada por ideologias preestabelecidas, enquanto para sociólogos/as configuracionais tal avaliação emerge da produção empírica e dos cuidados de distanciamento durante o processo de pesquisa. Isso significa que é possível pensar na proposta de um distanciamento envolvido, isto é, como um equilíbrio em constante mudança-tensão de envolvimento emocional e distanciamento na pesquisa. A partir desse entendimento buscado no trabalho de Elias (1998), de que o pensamento sociológico é fluído, que se move na busca de equilíbrio, Mansfield (2008) sustenta que há potencial de implementar aproximações entre as duas abordagens em questão.

“distanciamento”, considerando os interlocutores de Elias. Optamos, no entanto, por manter a noção/tradução de “distanciamento”, considerando que ela está em uso nas trilhas que estamos perpassando.

Contribuições dos intercâmbios e possibilidades

Na continuidade desses debates, se destacam os trabalhos de Katie Liston (2007, 2018). Esta autora se coloca como interlocutora moderada nesse intercâmbio inicialmente polarizado entre Dunning e Hargreaves (desde a década de 1980), depois envolvendo Colwell e Mansfield (nas décadas de 1990 e 2000) com suas tentativas de aprofundar as reflexões. É nesse contexto que Liston (2007, 2018), com o objetivo de indicar os principais pontos e contribuições incrementais para futuros trabalhos (assumindo uma perspectiva eliasiana), retoma a trajetória de intercâmbios entre trabalhos feministas e configuracionais na sociologia do esporte das décadas de 1990 e 2000, a respeito das relações de gênero.

O entendimento de Liston (2007, 2018) é o de que as trocas e debates têm se desenvolvido substancialmente em torno do equilíbrio entre envolvimento-distanciamento, sobre se é possível uma prática sociológica feminista-configuracional e acerca dos lugares da produção acadêmica na vida das pessoas. Suas análises em torno dos intercâmbios levam-lhe a afirmar que eles poderiam ter sido mais frutíferos, pois nota a preponderância da oposição entre as duas abordagens. Em termos de aproximações, a autora observa pelo menos três pontos de acordos entre as abordagens:

- Existe o reconhecimento de que o conhecimento do mundo social está incompleto e que ambas as abordagens (feministas e configuracional) podem oferecer algo nos estudos das relações de gênero no esporte.
- Autores/as de ambas as sociologias concordam que as investigações das relações de gênero são explicitamente teóricas, tratando da importância da investigação empírica.
- Ambas as abordagens demonstram sensibilidade à importância das relações de gênero nas pessoas e nos grupos sociais envolvidos no domínio do esporte, assim como a relevância das práticas esportivas nas relações sociais.

Em que pesem esses eixos de acordo, a autora desenvolve suas descrições e análises dos intercâmbios em relação ao surgimento do próprio campo da

sociologia do esporte, chegando à conclusão que eles ganham sentido também na luta interna entre e dentro das disciplinas por um estatuto científico e por autonomia. Essa análise empreendida por Liston (2007), nos possibilitou construir o quadro 3, para mostrarmos os modos distintos de se fazer presente e de se legitimar no campo da sociologia do esporte, tendo em vista os propósitos, as teorias, questões de interesse e, por fim, da abordagem às avaliações de valor nos processos de pesquisas.

Quadro 3 – Propósitos, teorias, questões e avaliações de valor nas/das abordagens feministas e configuracional no campo da sociologia do esporte.

	FEMINISTAS	CONFIGURACIONAIS
Propósitos a respeito das relações de gênero	Tomam como ponto de partida gênero como categoria central de experiência (das desigualdades, injustiças, relações de poder, dos processos de dominação, da autoimagem individual e coletiva), do que decorre a necessidade de teorizar tais relações, inclusive nos contextos esportivos e de outras práticas corporais.	Entendem que gênero é uma função das relações entre homens e mulheres, e que tais relações são afetadas pela configuração em que ocorrem. Gênero não pode ser explicado como uma função das ações de um indivíduo, assim, homens e mulheres são considerados interdependentes.
Teorias e questões	Desde a década de 1960 têm adotado uma variedade de abordagens na investigação das relações de gênero no esporte. Entre essas abordagens, a autora menciona as ‘feministas liberais’, as ‘feministas radicais’, os ‘feminismos pós-estruturalistas’ e ‘pós-modernistas’. Cada uma dessas abordagens, inclusive com debates críticos entre elas, constrói e aponta questões congruentes com as suas linhas de trabalho.	Existe um acordo entre os sociólogos configuracionais em torno dos princípios teóricos da sociologia configuracional. Destaca as investigações sobre entrelaçamentos de ações, as dimensões de configurações, os laços de interdependência e as relações de poder; no caso do esporte, destacam-se a esportivização, a violência, a seriedade, a globalização.
A questão dos valores nas pesquisas	Em relação (ou em contraste) às/aos sociólogas/os configuracionais, adotam uma posição de ‘objetividade apaixonada’ (nas palavras de Hargreaves), a partir da qual é difícil compreender como a sociologia configuracional reconheceria agentes ativos no desafio de mudar as relações desiguais entre os sexos, transparecendo uma falta de interesse dessa abordagem a respeito da mudança social, como também do não reconhecimento das capacidades das mulheres em provocar mudanças sociais pretendidas e desejáveis na vida delas.	Sociólogos/as configuracionais argumentam que a ‘boa investigação’ leva em conta um conhecimento informado, isto é, que prezam pelo ‘o que é’ e não por ‘o que deveria ser’, considerando um tráfego de mão dupla entre teoria e empiria, baseado num equilíbrio entre distanciamento-envolvimento, mas interessado no maior distanciamento dos próprios interesses, valores e emoções, porém reconhecendo a importância de um envolvimento secundário na definição das questões a serem investigadas e sua relevância social.

Fonte: elaborado pelos/as autores/as a partir dos trabalhos de Liston (2007, 2018)

Liston (2007, 2018) retoma uma série de interações que já apresentamos aqui, desde as críticas colocadas por Hargreaves (1992) em relação aos trabalhos

de Elias (1994, 2020), Dunning (1992b), Dunning e Maguire (1997), até as (contra)posições de Mansfield (2008) em relação aos argumentos de Colwell (1999), mas ela se propõe a avançar em dois pontos específicos das interlocuções, que, segundo sua avaliação, terão condições de incrementar algo ao que já foi feito e apontar os próximos passos em direção a pensar e pesquisa em conjunto: o primeiro ponto é teórico e envolve o esclarecimento da questão do envolvimento-distanciamento; o segundo ponto é a necessidade de mais pesquisas que transitem entre/com feminismos e sociologia configuracional, e de uma empiria mais robusta.

Está bastante claro que a dificuldade de trabalhar com/entre as abordagens coloca a questão da avaliação dos valores em relação às noções de envolvimento-distanciamento. Liston (2007) destaca que para Mansfield (2008), com base nos fundamentos da sociologia configuracional, esta questão deveria ser pensada numa perspectiva relacional e processual, como uma busca de equilíbrio ao longo da pesquisa, inclusive prevendo um envolvimento secundário. A participação e o envolvimento, tal como desenvolve Liston (2007), abrangem uma espécie de vigilância e avaliação de quem pesquisa em relação a ideologias e comportamentos dominantes, em todo o processo investigativo, não sendo uma posição estática, mas relacional e reflexiva.

Mas a própria autora (2007, 2018) alerta que o uso metodológico e prático desse conceito sensibilizador no processo de pesquisa ainda carece de avaliações emergentes da empiria, isto é, das pesquisas realizadas nessa perspectiva. No trabalho de 2007, ela afirmou que até aquele momento não havia evidências de pesquisas empiricamente informadas que propusessem uma resolução da tensão entre as abordagens no que diz respeito ao papel dos valores nas investigações e no equilíbrio do envolvimento-distanciamento. Já no trabalho de 2018, a autora afirma que nos trabalhos mais recentes sobre as relações de gênero no esporte baseados na sociologia configuracional observava o uso de ideias e de conceitos sensibilizadores desta abordagem, dos feminismos, e às vezes de ambas. Segundo ela, isso tem relação com o maior número de pesquisas realizadas por mulheres – no campo da sociologia configuracional –, num padrão oposto ao que ocorria até o final da década de 1990.

É a partir dessas duas provocações, que lançamos mão das reflexões e afirmações de Florence Delmotte (2022) em relação ao uso da sociologia histórica/processual eliasiana no estudo das relações de gênero. Segundo essa autora, embora identifique alguns trabalhos, a abordagem configuracional raramente é chamada para lançar luz para tratar sobre questões de gênero fora do círculo de autores, de diferentes gerações, que trabalham especificamente com ela (o quadro 3 mostra isso). Em relação a esses usos/trabalhos, Delmotte (2022) identificou uma questão que nos parece verossimilhante, tendo em vista o que pudemos tratar até aqui, neste ensaio: os de as pesquisas que usam a obra de Elias para estudar questões de gênero estão interessadas com base nas noções e relações de grupos estabelecidos e *outsiders*; ou o fazem para investigar as transformações dos costumes no contexto do processo civilizatório.

Parece-nos que essas duas direções, também na sociologia configuracional do esporte, estão contempladas. É aí que Delmotte (2022) nos provoca, indicando outras linhas ou direções de investigações baseadas na teoria eliasiana, não para descartar as duas outras já mencionadas, mas para abrir novas frentes de pesquisa e complementar o que já existe. Essas outras linhas já não tratam exclusivamente de relações entre homens e mulheres, mas radicalizam a abordagem de gênero. São elas: as transformações sociais na direção de uma maior 'sensibilização' sobre as formas de ser homem e mulher, de viver feminilidades e masculinidades; o 'poder emancipatório' das leis e dos direitos sociais e a crescente 'legalização' dos problemas sociais; e a tendência de individualização e as implicações para os processos de identificação e autoidentificação das pessoas e dos grupos.

O que essas indicações e provocações da autora nos alertam é que o pensamento de Elias tem a contribuir para além das categorias 'homem' e 'mulher', sem negar a existência delas. Isso também se aplica, nos parece, como contribuição para a sociologia do esporte. E, daquilo que fomos apreendendo nos/dos debates acessados acerca dos usos da sociologia configuracional em estudos das relações de gênero no esporte, pontuamos uma sistematização na forma de um quadro.

Quadro 4 – Questões e provocações contemporâneas importantes acerca do uso da sociologia configuracional em estudos das relações de gênero no esporte.

QUESTÕES	PROVOCAÇÕES PARA USOS
Sensibilização e reflexividade na relação entre envolvimento-distanciamento	Acompanhou praticamente toda a nossa trilha de estudos e descrições a relação entre envolvimento-distanciamento, a respeito do qual restou clara a conclusão acerca da relevância de uma sensibilização no processo da pesquisa, no sentido de reconhecer a experiência investigativa como relacional e dinâmica, que demanda reflexividade, ou uma vigilância, não para condenar o engajamento e as avaliações de quem pesquisa, mas fundamentalmente para construir um equilíbrio. Isso se inicia desde a escolha-formulação de temas, questões e problemas (levando em conta a crescente ‘legalização’ dos problemas sociais atrelados às relações e desigualdades de gêneros), até à maneira de se textualizar a produção de conhecimentos, tendo em vista os/as diferentes interlocutores/as e usos.
Estudos configuracionais de/com pessoas e grupos engajados por mudar os <i>status quo</i>	Este ponto é um desdobramento do primeiro e tem relação com demanda de mais estudos empíricos salientada em vários momentos. Concluimos que, no uso da sociologia configuracional, pode representar uma questão chave em relação às críticas das sociologias feministas, no que se refere ao debate em torno da carência/ausência de um posicionamento dos/as pesquisadoras frente às desigualdades, violências e invisibilidades de gênero. Parece-nos que um dos passos trilhados para tratar disso é desenvolver mais estudos configuracionais sobre e/ou com pessoas e/ou coletivos que lutam por mudar o <i>status quo</i> , isto é, aquelas/es que, no cotidiano das experiências esportivas, tratam de problematizar, tensionar ou romper com naturalizações ou reservas, onde se observa um engajamento ativo que implica mudanças no equilíbrio de poder (por exemplo, ‘mulheres’ em ação que, de algum modo, problematizam, tensionam ou rompem com questões estabelecidas em configurações esportivas). Isso seria potencializado pelo protagonismo investigativo de pessoas marcadas, em suas trajetórias de vida, por essas ações, prezando, contudo, pela perspectiva de ‘sensibilização’ não apenas como pressuposto metodológico.
Estudo da ‘sensibilização’ e da ‘individualização’ sobre as relações de gênero no esporte	Pareceu-nos fundamental a ênfase na necessidade de não partir de dicotomias, homogeneizações e generalizações (por exemplo, ‘reserva masculina’, ‘patriarcado’, ‘estabelecidos’; as noções genéricas e generalizantes de ‘homem’ e ‘mulher’) que podem ter força normativa e regulatória <i>a priori</i> sobre o desenvolvimento da pesquisa, encerrando possibilidades de compreensão, mais do que abrindo elas frente àquilo que a produção empírica pode oportunizar. Não significa, entretanto, desenvolver uma sociologia puramente empírica ou de negar as assimetrias, as desigualdades sociais, mas exatamente investigar a ‘sensibilização’ e a ‘individualização’ sobre as relações de gênero em práticas corporais esportivas, com abertura à diversidade das possibilidades de se performar (identidade de) gênero no esporte e, sobretudo, de reconhecer que se trata de uma categoria social, relacional e processual, que, sem dúvidas permitem dialogar com fenômenos de interseccionalidade, violências e desequilíbrios de poder.
Reafirma a importância da sociologia configuracional nos estudos das emoções	Por fim, colocando em destaque a investigação da ‘sensibilização’ de quem investiga, mas sobretudo das pessoas e grupos acerca das relações de gênero no esporte e as implicações da ‘individualização’ em processos dinâmicos, concluimos que o uso da sociologia configuracional continua sendo bastante fértil quando aborda as emoções, no sentido da interiorização e da exteriorização, da sociogênese e da psicogênese.

Fonte: elaborado pela autora e pelos autores

Com essa sistematização do ensaio baseado em trilhas por críticas, interlocuções e possibilidades, restou clara uma trajetória de debates importante para ser acessada e compreendida para quem procurará realizar suas pesquisas a respeito das relações de gênero no esporte, tendo como base a abordagem teórico-metodológica da sociologia configuracional. Ao afirmarmos isso, acreditamos que mais do que as informações sintetizadas no quadro 4, é o processo da descrição das trilhas o resultado mais expressivo deste ensaio.

Considerações finais

Antes de trazer nossas reflexões finais, vale salientar que não foi objetivo deste trabalho propor uma articulação entre diferentes abordagens sociológicas constantes nas interlocuções. O nosso propósito foi trilhar os principais pontos de críticas, interlocuções e de intercâmbios identificados, para compreendermos as contribuições e provocações acerca de usos da sociologia configuracional nos estudos das relações de gênero no esporte. As trilhas analíticas descritas nesse sentido nos permitiram entender que as interlocuções e intercâmbios com as sociologias feministas resultaram em provocações que foram importantes para pensar e apontar os usos contemporâneos da sociologia configuracional em estudos de relações de gênero no esporte.

A partir do que foi estudado e sistematizado neste ensaio, quando nos aproximamos de trabalhos realizados no Brasil que usaram a abordagem teórico-metodológica eliasiana - encontramos três ensaios (ZACARIAS, 2000; LOVISOLO, 2010; SILVA & ALMEIDA, 2020) e três investigações com pesquisas empíricas (NUNES *et al.*, 2014; VIEIRA & FREITAS JÚNIOR, 2020; GAIO, MARIANTE NETO & VASQUES, 2022) -, identificamos que as análises ainda são ainda marcadas por dicotomias e generalizações acerca da categoria gênero, porém com algumas pistas na direção das questões e provocações contemporâneas. De um lado, aparecem as noções do esporte como reserva masculina, e as noções de homens e de mulheres de forma genérica e generalizante. De outro, notamos a mobilização de abordagens relacionais nas quais estão implicadas as masculinidades e feminilidades, como também as dinâmicas de sensibilização e de individualização contemporâneas.

Não vamos conseguir avançar nessas interlocuções neste ensaio, mas vale a pena destacar aqui que há possibilidades de diálogos como estes que foram, na forma de uma trilha, descritos neste trabalho.

Referências

COLWELL, Sharon. Feminisms and Figurational Sociology: Contributions to Understandings of Sports, Physical Education and Sex/Gender. **European Physical Education Review**, v.5, n.3, p.219-240, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1177/1356336X990053004>

DELMOTTE, Florence. Norbert Elias and women: life, texts and new perspectives on gender issues. **Sociologia & Antropologia**, v.12, n.1, p.81-112, jan. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/2238-38752022v12i13>

DUNNING, Eric. Figurational Sociology and the Sociology of Sport: Some Concluding Remarks. In: DUNNING, Eric; ROJEK, Chris (Eds.). **Sport and Leisure in Civilizing Process: critique and conter-critique**. Londres: MacMillan, 1992a. p. 221-284. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-1-349-11191-6>

DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992b. p. 389-412.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. As Relações entre os Sexos no Esporte. **Revista Estudos Feministas**, v.5, n.2, p.321-348, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. Process-Sociological Notes on Sport, Gender Relations and Violence Control. **International Review for the Sociology of Sport**, v.31, n.3, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1177/101269029603100305>

ELIAS, Norbert. A mudança na relação de poder entre os sexos – um estudo sociológico processual: o exemplo do Antigo Estado Romano. In: VIEIRA, Ana Flávia Braun; FREITAS JÚNIOR, Miguel Archanjo (Orgs.). **Norbert Elias em debate: usos e possibilidades de pesquisa no Brasil**. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020. p.32-76.

ELIAS, Norbert. **Envolvimento e alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa; 2005.

ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Vol.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: formação do Estado e Civilização. Vol.2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães**: a luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GAIO, Adrielle Chiesa; MARIANTE NETO, Flávio Py; VASQUES, Daniel Giordani. Emoções, gênero e pandemia: uma leitura do Yoga *on-line* no processo civilizador. **Licere**, v. 25, n. 3, set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2022.41620>

GÓIS JUNIOR, Edivaldo; LOVISOLO, Hugo Rodolfo; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. Processo civilizador: Apontamentos metodológicos na historiografia da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35. n. 03, p. 773-783, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892013000300017>

HARGREAVES, Jennifer. Norbert Elias: o sexo, o gênero e o corpo no processo civilizador. In: CHABAUD-RYCGTER, Danielle; DESCOUTURES, Virginie; DEVREUX, Anne-Marie; VARIKAS, Eleni. **O gênero nas ciências sociais**: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Editora UNB, 2014. p.443-46.

HARGREAVES, Jennifer. Sex, Gender and the Body in Sport and Leisure. In: DUNNING, Eric; ROJEK, Chris (Eds.). **Sport and Leisure in Civilizing Process**: critique and conter-critique. Londres: MacMillan, 1992. p.161-182. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-1-349-11191-6>

LISTON, Katie. Revisiting the Feminist-Figurational Sociology Exchange. **Sport in Society**, v.10, 4, p.623-645, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1080/17430430701425467>

LISTON, Katie. Norbert Elias, Figurational Sociology and Feminisms. In: MANSFIELD, Louise; CAUDWELL, Jayne; WHEATON, Belinda; WATSON, Beccy. (Eds.). **The Palgrave Handbook of Feminism and Sport, Leisure and Physical Education**. London: Palgrave Macmillan, 2018. p.359-375. DOI: <https://doi.org/10.1057/978-1-137-53318-0>

LOVISOLO, Hugo. Mulheres e esporte: processo civilizador ou (des)civilizador. **Logos: Comunicação & Universidade**, v. 17, n. 2, 2. sem., 2010. DOI: <https://doi.org/10.12957/logos.2010.854>

MAGUIRE, Joseph; MANSFIELD, Louise. “No-Body's Perfect”: Women, Aerobics, and the Body Beautiful. **Sociology of Sport Journal**, v.15, p.109-137, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1123/ssj.15.2.109>

MANSFIELD, Louise. Reconsidering feminisms and the work of Norbert Elias for understanding gender, sport and sport-related activities. **European Physical Education Review**, v.14, n.1, p.93-121, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1177/1356336X07085711>

MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de Medeiros; GODOY, Letícia. As referências de Pierre Bourdieu e Norbert Elias na Revista Brasileira de Ciências do Esporte: mapeando tendências de apropriação e de produção de conhecimento na área da Educação Física (1979-2007). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 30, n. 2, p. 199-214, 2009. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/445/361>

NUNES, Hudson Fabricius Peres; PIMENTA, Thiago Farias da Fonseca; CESANA, Juliana; DRIGO, Alexandre Janotta. Educação Física, futebol e gênero: uma proposta de ensino a partir das relações de poder. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 04, p. 01-14, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v17i4.30968>

ORLANDO, Adriely Gonçalves; TEIXEIRA, Fabiane Castilho; OLIVEIRA, Vinícius Machado de; KRAVCHYCHYN, Claudio; SOUZA, Juliano de; BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. A teoria sociológica de Norbert Elias e a produção científica em Educação Física no Brasil: uma revisão sistemática. **Licere**, Belo Horizonte, v.22, n.4, dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2019.16281>

OLIVEIRA, V.M.; BRASIL, M.R.; MATTES, V.V.; ÁLVAREZ, V.A.E. Y SOUZA, J. La recepción del trabajo de Norbert Elías en la Educación Física brasileña. **Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte**, v. 21, n. 82, pp. 337-353, 2021. DOI: <https://doi.org/10.15366/rimcafd2021.82.009>

PINHEIRO, Maria Cláudia. Uma análise do debate feminismo versus sociologia configuracional no estudo do gênero e do desporto. **Movimento**, v.20, n.2, p.757-773, 2014. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.42907>

SILVA, Francisca Islandia Cardoso da; ALMEIDA, Dulce Maria Filgueira de. Masculinidades no esporte: o caso do *Rugby*. **Movimento**, v. 26, p. e26041, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.94214>

VIEIRA, Ana Flávia Braun; FREITAS JÚNIOR, Miguel Archanjo de. As relações de poder nos Jogos Olímpicos (1920-2020): uma análise da participação das atletas brasileiras sob a perspectiva teórica de Norbert Elias. **História:**

Questões & Debates, v. 68, n. 37, p. 183-207, jul./dez. 2020. DOI:
<http://dx.doi.org/10.5380/his.v00io.000000>

ZACARIAS, Lídia dos Santos. Esporte e Gênero: reflexões a partir da teoria do processo civilizador. **Conexões**, n.5, dez. 2000. DOI:
<https://doi.org/10.20396/conex.voi5.8638151>